

O tempo de Dindi

texto de Fernanda Rocha Miranda

ilustrações de Fernando Zenshō



Dindi era uma semente de algodão que vivia apertada em sua casa. Tudo o que ela mais queria era crescer rápido para ver a luz do Sol.



Todos os dias, a semente se alimentava da água e da terra ao redor.

Nhoca, que sempre passava vagarosa, achava graça ao ver Dindi tão ansiosa.

Tenha calma, minha pequena. Você já é o que é.

“Não apreze o rio que ele corre sozinho.”





Dindi não escutava os conselhos de Nhoca e
continuava fazendo força para brotar

O tempo passou ainda mais vagaroso que a Nhoca,
até que Dindi percebeu algo novo em seu corpo.



Paff! Poff! Puff! sua casca rompeu, a raiz apareceu. Puff! Poff! Paff! O caule esticou, uma folha desabrochou. Poff! Paff! Puff! seu desejo não foi esquecido.

Paff! Peff! Piff! Estava preste a ser realizado. Dindi ficou com medo da mudança.

Ao anoitecer, jantou muito bem
e adormeceu.



No outro dia, quando abriu os olhos, a claridade era tão intensa que ela não viu nada. Tudo estava pincelado de branco ocre. Dindi sentiu a brisa morna e uma sensação estranha de calor. Eram vibrações diferentes de tudo aquilo que conhecia.

